



Mário Abrantes

Santa Maria e o seu aeroporto

Desde 2012, quando o governo de Pedro Passos Coelho (PSD/CDS) a vendeu ao desbarato à francesa VINCI, a empresa ANA-Aeroportos de Portugal baixou praticamente para metade o valor dos investimentos nos aeroportos portugueses que tem a seu cargo. Tal quebra do investimento, também tem vindo a acontecer no caso dos Açores (aeroportos de S. Miguel, Terceira, Santa Maria e Flores) tendo dado agora mais uma martelada no já tão delapidado aeroporto de Santa Maria com o seu encerramento noturno, dificultando mais ainda a realização das escalas técnicas da aviação comercial naquela ilha.

Desde sempre, mesmo antes da privatização da ANA, tanto no Parlamento dos Açores, a representação parlamentar do PCP, como na Assembleia Municipal de Vila do Porto, o representante da CDU (enquanto esta força política teve eleitos nesses dois órgãos de poder), chamaram a atenção para os prejuízos que o possível encerramento noturno do aeroporto causaria aos marienses e à sua economia. Até agora, apesar do desinteresse das restantes forças políticas na abordagem do problema e apesar da quebra de compromissos que a empresa, desde que foi privatizada, tem praticado, a ANA não se tinha ainda decidido pelo encerramento noturno em definitivo.

Caso ele se torne irreversível, alguns serviços, como o SEF, a Alfândega, e mesmo a SATA, poderão ver suprimidos diversos postos de trabalho, tal como as três empresas privadas de handling que também operam no aeroporto, e, embora já mitigado pelo impacto da pandemia, da guerra, das condições existentes e dos elevados preços praticados (combustível e reabertura noturnas), o movimento que ainda subsiste das escalas técnicas, em particular de mono e bimotores para comercialização, que chegam a ficar de noite na ilha, sofrerá certamente um corte ainda mais profundo. A ANA desinveste invocando a falta de movimento, e o movimento diminui

porque a ANA desinveste, é um ciclo doentio que, por vontade da empresa e dos donos da VINCI, só terminaria com o encerramento completo do aeroporto...por falta de rentabilidade!

Se a empresa continuasse a ser pública, e isto é um aviso àqueles que inocentemente ou por desinformação se congratulam hoje com a decisão de privatizar a Azores Airlines, esta evolução doentia e prejudicial aos marienses do seu aeroporto poderia até ter começado na mesma mas, tal como aconteceu com a tentativa de transferir o NAV II para Lisboa (que foi travada pela ação do PCP), seria mais tarde ou mais cedo certamente travada pelo controlo público democrático a que a ANA teria de submeter-se.

E o que temos agora, em alternativa? A incerteza total. O maior partido da oposição, o PS, exige a revisão da decisão, mas quando era mais fácil evitar o encerramento noturno do aeroporto, pouca atenção deu ao problema. O maior partido do governo, o PSD, exige o mesmo, mas responsabiliza o PS pelo encerramento. E os dois grandes “defensores” dos interesses marienses, Chega e Iniciativa Liberal, lavam as mãos como Pilatos afirmando que uma empresa privada tem todo o direito de não assumir prejuízos de exploração...

A mesma empresa que, contra a vontade dos lisboetas, contou já este mês com o apoio subserviente do PS, do PSD, IL e Chega, para, em processo inverso ao de Santa Maria, impedir que fosse aprovada na Assembleia da República a decisão de encerrar à noite o Aeroporto Humberto Delgado.

E o interesse público, onde fica então no meio disto tudo? E o contrato que impunha à ANA a salvaguarda de todas as infraestruturas básicas existentes? É para continuar a ser violado e desvirtuado pelos poderes instituídos na Região e na República? E a estação espacial de Santa Maria, pode dispensar um aeroporto com condições e a 24 horas?



Nuno Costa Santos

Discretos, asnos e atoleimados

Nos Açores valoriza-se a discrição. O recato, o não querer dar nas vistas, o não exibicionismo, a compostura. Por alguma razão no arquipélago ser-se discreto quer dizer que se é inteligente. Mas também já ouvi várias vezes aplicar-se a quem é decente, correcto, regrado. Não ser discreto ou bem discreto significa que se é parvo ou doído ou alienado.

Uma conversa de paragem de autocarro. A Dona Claudina chega cansada do hiper, pouca os sacos e comenta com o senhor Dário - do nada, como andasse a remoer o assunto: “O filho do Ruben foi estudar para fora. É um rapaz discreto. Sempre foi muito atinado”. À pausa prefere o acrescimento rápido: “Já a filha passa a vida no Parque Atlântico. Ela nunca foi bem discreta!” O interlocutor abana a cabeça e declara a sua sentença: “Nunca teve tarelo nenhum! (juízo, sim). “Anda ‘desarida’ para aí!”. O que é uma forma de lhe atribuir leviandade. Em relação aos homens é mais habitual o “anda a laurar a pevide”.

A Dona Claudina ainda faz um remate, já com os sacos na mão: “E ela foi bem ensinada. Não percebo. Nunca quis nada no castanho”. Ou por outra: nunca quis fazer nada. Um dia hei-de saber de onde vem esta expressão com cunho cromático.

O açoriano tem uma vocação notória para a crítica, a má língua e para uma modalidade insular-desconfiada do bullying. Há sinónimos no bolso sempre prontos a servir os gatilhos. Aquele que não é bem discreto também pode ser chamado de atoleimado. É possível ouvir a palavra atoleimado e atoleimada 15 ou 16 vezes ao dia. Em momento em que as línguas se apresentam mais afiadas, ou seja em altura de muito veneno,

não sai ninguém vivo da classificação. O único não atoleimado é quem chama os outros de atoleimados. Vai-se a ver e não. Claro que nenhum atoleimado pode almejar a integração no quadro de honra dos discretos.

Já babou, para além pouco dotado de massa cinzenta, significa tonto. Imagina-se que palavra baba seja a origem. A propósito, há um epíteto na Terceira de que muito gosto: porra tonta. “O Alfredo sempre foi um porra tonta”. Que é um bom nome para uma banda. “Hoje vão actuar na Sociedade da Serreta os Porra Tonta”.

Já se falou nestas páginas do basão. O tipo que tem a mania que é bom mas que não passa de um emproado sem conteúdo algum. Um praticante mal disfarçado do desporto da vaidade. Só falta alguém que o avise disso.

Há um pragmatismo na maneira de ser dos micalenses que é pouco complacente com grandes teorias e manias. Tá asno! (tal burro!) é uma expressão muito ouvida. Isso tem um lado bom, que é o de desvalorizar a cagança, o emproamento, o autoelogio. E tem um lado mau, que é o de desconsiderar o rasgo que, por alguma razão, pode ter aparência de presunção. Se Einstein tivesse ido a São Miguel apresentar a teoria da relatividade no auditório, provavelmente teria de levar com um tá asno! O filho do Ferdinando pode ter um doutoramento em Havard que para a vizinhança da família não passa de um asno. Nem um profeta que aparecesse nas Furnas, na zona dos cozidos, escaparia à rotulagem de grande atoleimado. Seria detido. E a gente teria de lhe levar uma massa sovada aos domingos.